

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

PROPRIETARIO E EDITOR

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e communicados 50 » » »
Repetições 25 » » »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A lei d'imprensa

Não accusamos, nem approvamos a lei sobre a imprensa, que vem de sancionar a legislatura — nenhuma ainda nos satisfaz: e esta julgamos-a determinada por motivos latentes. E' talvez o meio do fim, que não se diz.

Não tardará, que seja revogada.

Bons discursos se pronunciaram contra ella, um dos melhores foi o do sr. Alpoim, em cuja sinceridade liberal não acreditamos, pois talvez a approvaria, se um governo progressista a propozesse no tempo, em que dizia estar no parlamento para servir o seu partido e o seu chefe.

Não vemos a necessidade da lei, ou dos seus rigores — a imprensa hoje em Portugal não incita ninguém ao ponto de tornar perigosa a sua energia revolucionaria — a imprensa bem pelo contrario é uma valvula de segurança, por onde saem as iras, que a lei comprime, e que sem ella perderiam toda a sua intensidade.

Escusava o sr. Alpoim d'invocar a opinião de um publicista extranho, cujo nome não declara, visto que a imprensa portugueza por vezes tem considerado a sua intervenção nos negocios publicos como salutar, e até indispensavel.

Julio Simon disse na camara dos deputados — «nas nossas leis, nos nossos costumes, todas as vezes que um homem é accusado, intimam-n'o, dizem-lhe quaes são as culpas, que lhe attribuem, dão-lhe o direito de escolher um defensor, ao menos de se defender a si-mesmo; mas agora supprime-se para os escriptores a garantia do jury, que se conserva aos assassinos» — (Janeiro de 1864).

E' a mesma linguagem de certos oradores nos comices, e no parlamento portuguez contra a lei ha dias votada.

A maxima liberdade do pensamento escripto, ou do pensamento oral, é o verdadeiro modo de inutilisar os excessos, as diatribes, as calumnias.

— Um jornal reputa um outro — e ao governo nunca faltam nem vozes nem pennas, que o defendam.

Os jornaes não gosam d'uma tão larga e terrivel influencia, como se julga, e como o governo crê, segundo da lei se presume: as violencias é que produzem as reacções — governe-se bem, e todos os perigos estão conjurados.

Um jornal pouco persuade, haja o cuidado de o desmentir, e a tempo, que se annula todo o mal dos seus abusos: mas emquanto a esclarecer as questões, e ás medidas publicas, analysando-as, e mostrando por onde são nocivas, a sua acção benefica é inegavel.

Tanto mais se embaraça a sua publicação, tanto mais se exalta a sua importancia.

Um projecto de lei convinha ser previamente discutido pela imprensa, e que os diversos partidos, que ella representa, enviassem um relatorio do seu exame ao parlamento. Assim a opinião publica, pelo seu órgão, exerceria uma influencia legal e reacional na administração ao paiz, etc.

sem duvida — o julgamento dos delictos da imprensa pelo jury sustentam-n'o os mais distinctos dos publicistas.

A oppressão dos escriptores é a oppressão da liberdade.

Responsavel considere-se apenas o auctor dos artigos publicados, a culpa não se extenda a mais ninguém; exigir que, haja um responsavel certo e anticipado, editor ou redactor, é já uma lei preventiva.

Ora nenhum outro crime o tem — a liberdade da imprensa é uma necessidade da vida social moderna — nenhuma lei deve restringil-a — e o abuso só deve ser punido, quando dê origem a um acto já declardo punivel.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

A ESCRAVIDÃO E O CHRISTIANISMO

Sem duvida a escravatura repugna ao espirito do Evangelho, mas nenhum preceito ahi expressamente a condemna, porque J. Christo não applicou a sua doutrina á organização da sociedade. Occupando-se apenas da ordem espirital, separou-a das condições da ordem civil, para cujo julgamento e direcção, e portanto para a sua reforma, se declara incompetente.

Apezar d'isso admiramos, que os apostolos, Pedro e Paulo, os doutores da igreja, os theologos, mesmo os do secu o 19, alguns papas, e alguns concilios, a reconheçam, e legitimem.

Recommenda S. Paulo aos escravos, que obedeçam aos donos com medo e tremendo, como a Christo, e que ainda melhor os sirvam, se forem christãos — diz ser este o são e piedoso ensino do Mestre, e chama ignorante e orgulhoso a quem ensinar o contrario — Epist. ad Ephesios — Cap. 6 — V. 5 — a Thimotheo — cap. 6 — V. 1 e 2 — 3 e 4 — a Tito — cap. 2 — v. 9 e 10. S. Pedro — Epist. 1.º — cap. 2 — v. 18 Bem legitima devia parecer a S. Paulo a escravidão, quando nem aos christãos a prohibe, ou censura.

Em seguida reproduzimos as citações, que se acham no livro de M. Patricio Larroque *L'Esclavage chez les Nations Chrétiennes*.

Este grande critico da Biblia adverte, que o *Servus* da Vulgata e o termo *douloi*, que lhe corresponde no original grego, exprimem a idea d'escravo, e que a versão franceza — *serviteur* — é errada ou capciosa.

Tambem o antigo Testamento muito influio para obsecar os theologos sob'esse revoltante abuso dos homens, que se apropriam d'outros, e os obrigam em seu proveito a continuos labores, e d'esse abuso ainda concluem, que podem prival-os de todos os direitos, e até da vida!

Permitte o *Levitico* aos judeus o escravisarem para sempre os estrangeiros — Cap. 24 — V. 44 e 46 — e o *Exodo* os proprios nacionaes mas só por sete annos — Cap. 21 — V. 2 e 6.

O *Ecclesiastico* assemelha o escravo ao burro, que trabalha,

precisa de pasto e de açoites — hão de est. anhar os leitores, que um livro fallando em nome de Deus nos diga, «que se aquelle recebe o pão, é porque não pôde ser constangido a comer á mangedoura — e porque tem uma tendencia constante a ser livre, se dome com torturas, e ferros aos pés, quando não obedeça». — Cap. 3 — V. 25 e 30.

Não foram mais generosos os doutores da igreja.

S. Agostinho julga, que se introduzio justamente a escravidão no mundo como castigo do peccado, e lembra aos que a soffrem o fim do mundo, e portanto de todas as dominações humanas. De Civitate Dei — Lib. 19 — cap. 15 — E' bem curiosa esta passagem.

S. Jeronymo consola um dalmata, seu amigo, das perdas dos rebanhos e dos escravos — de que uma invasão d'esclavões o espoliou.

S. Bernardo escreve ao abbade Guido, que lhe compete corrigir os escravos da igreja. — Epistola 80.

S. Isidoro, bispo de Sevilha, nega aos frades a facultade de libertal-os, porque são *cousa* dos mosteiros. — Regula Monachoru n.

S. Thomaz d'Aquino, sustenta, que a natureza destinou varias homens á escravidão e para estabelecer a funda-se no direito natural, na lei divina, e na *authoridade* de Aristoteles! De Regimine Principum — L. 2 — cap. 10.

Entre os modernos, «o grande Bossuet, para honra do seu nome, convinha ter-se abtido das seguintes explicações, com que pretende justificar a — 1.ª a escravidão vem das leis de uma justa guerra — 2.ª o vencedor tem sobre o vencido *todo o direito, até poder tirar-lhe a vida* — 3.ª E se l'ha conserva, é um acto de mera *clemencia*, um beneficio — 4.ª d'aqui derivam todas as servidões, *por vendida, por nascimento*, — 5.ª o escravo, segundo as leis, não tem estado, não tem direitos, não tem cabeça, não é uma *persona* — 6.ª condemnar a escravidão é não admittir uma guerra justa — é condemnar o direito das gentes, e tambem o *Espirito Santo*, visto que *ordena* aos escravos pela bocca de S. Paulo, que *continuem a sel-o*, e não obriga os donos a emancipal-os — 7.ª se é legitima a servidão, como *qualquer povo pôde ser vencido, tambem pôde ser escravo*» — Avertissements aux protestants — Art. 501, tomo 4.º.

Estes absurdos não se refutam. Em 1835, Bouvier, bispo de Mans, n'um livro, que serve ou servio de compendio nos seminarios francezes, e creio, que tambem nos nossos, não se peja de dizer ainda, «que não é a escravidão contraria, nem ao direito divino, nem ao direito civil, porque se permite nas colonias, nem ao direito ecclesiastico, que a reputa licita — A religião christã encontrou-a estabelecida, e não a abolio — a escravatura dos negros não se oppõe nem á religião, nem á natural equidade!» Insta Theolog. — Cap. 2.º — Art. 1.º — § 3.º.

As mesmas odiosas e loucas affirmativas repete *Fourdrier*, superior do *seminario do Espirito Santo*, no seu *Cathecismo approvado pela Propaganda de Roma* — 2.ª parte — Cap. 2.º!!

Como se vê, a theologia abafou no seio da igreja catholica o sentimento natural, que nos leva

a reconhecer os mesmos direitos em todos os homens — sempre houve, antes e depois de J. Christo, quem se doesse da sorte d'essas victimas seculares mas não importam actos individuaes, isolados; foi preciso, que os governos intervissem, para que se extinguissem a servidão e a escravatura

(Continua).

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

LITTERATURA

A Visão dos Tempos e as Modernas Idéas do Sr. Theophilo.

XXX

Visto que o sabio critico occidental me declara incapaz, ou cousa assim, de compor o *Firmamento*, cuja *elaboração* artistica attribue ao illustre plagiario, eu não posso crer no merito das suas apreciações. — Basta esta illação, que tirou do cotejo do *Oceano* com aquellas poesias, para denunciar a sua grande falta de senso em assumptos d'esta especie.

Se alguma observação justa, ou aceitavel, se encontra nos seus livros, é porque a ouviu, ou plagiou, ou é já corrente.

O mais curioso d'esta conten-

da foi querer convencer-me, de que o anno de 1852, que se lê no *lombo* de N.º 4 dos Bardos na Edição de 1854, é a data *authentica* do *Noivado*, ainda então não composto, nem sequer concebido.

Ora eu, como auctor das duas poesias questionadas, sei bem, que ambas foram concebidas e compostas em 1853, e *n'isto sou infallivel* e que portanto a Edição dos Bardos de 54 não é, nem pode ser *authentica*, ou caracteres rigorosos, que tal provem — afirmar sem elles a sua *authenticidade*, e escrever-me, que procedera com toda a segurança, é uma circumstancia alegre e comica d'este nosso debate.

Tenho que defender-me d'uma calumnia, que me infama, e ainda por cima me torna ridiculo. Do Sr. Theophilo, que me conhece, eu devia esperar, pelo que já disse, não ser nunca obrigado a rebater-lhe desconceitos imerecidos. Preciso de fallar de mim ainda que não evite o considerarem-me um pedante, sêl-o-hei pois a valer em competencia, bem difficil, com o Sr. Theophilo Braga.

Bem difficil, sim — analysando a traducção da *Duquesa Langeais* pelo sabio do Occidente notou o sr. Fernandes Costa no *Diario Ilustrado* erros miseraveis e sem numero — recebeu a replica de que Balsac era um espirito superior, e que o tradusir seus romances não era — para mercenarios — e na mesma, ou n'outra replica, acrescenta o Sr. Theophilo, «que ás

A' MINHA QUERIDA M. A.

(P. B. F.)

Para o infinito azul e constellado
Voam meus sonhos de illusões fagueiras,
— Aves do amor sublimes e ligeiras
Do amor cantando o lyrico noivado.

Serão meus versos o clarão dourado
Das tuas illusões alviçareiras!
Vejo em teu peito as illusões primeiras
Dum sonho d'ouro ha muito desejado.

E, eu que te vejo em lucido transporte,
Sinto em teu peito a estranha melodia
De quem dá vida e sabe dar a morte!

E's noiva, sim! Que dor me dilacera!
Que escuridão a tua luz me envia,
Matando em flor a minha primavera!

Trovador

IDEALISANDO...

Essa mulher que tanto te fascina
Porque seus olhos são *assim, assados*...
— Talvez uns dansarinos requebrados
Sem expressão alguma, já por sina;

Essa mulher que tanto te domina,
Cujos perfil, em versos bem rimados,
Descreves como os outros namorados,
Chamando-lhe «belleza peregrina»;

Essa mulher, meu caro, pelo jeito,
P'las descripções que della já tens feito,
E' como eu penso e os mais hão de suppor-a...

Uma belleza altiva de rainha...
Que vive no fogão duma cozinha
Lidando com rodellas de cebola.

vezes sob apparencas, temidas, modestas, humildes, se esconde um talento um genio, um Deus.» (Visivelmente se referia a si mesmo.)

Esta divinização individual, alem da collectiva no Grande Ser, descorçoou-me... quasi disisti de uma tal concorrência—não chegarei a divinizar-me, mas n'um grau, um pouco mais abaixo, heide sustental-a assaz dignamente.

O sabio critico é o mesmo sempre—a sua mira, o seu gosto, consistem em deprimir, a fim de parecer um alto espirito, e ostentar uma vaidosa transcendência—quasi sempre n'este empenho recorre, e applica á toa, as formulas de Comte, que repete, sem exame, nem discussão a sua longa tarefa não passa de compilar varios escriptores, cujos trechos quasi que só justapõe, sem a ligação racional sufficiente e onde não são raros os galamacias, quando pretende fingir que reflectiona por si mesmo.

Eis uma pequena amostra das contradicções, mas que são de 1.ª ordem, porque envolvem principios geraes—hoje só as indicamos, mas havemos de esmiuçar-as detidamente.

No prologo do canto nono da Visão dos Tempos lê-se. «Na grande transição do mundo antigo para a idade media a synthese humana é alterada pela igreja, que impõe como ideal de verdade os dogmas da Theologia, e como constituição social a unidade pontifical ou a theocracia—Quebra-se a relação de continuidade historica com o passado—o christianismo renega todos os elementos de civilização polytheista».

N'outras passagens a continuidade é uma lei dominante.

Como principio geral da historia não soffre interrupções. Esta frase—quebrou-se a relação de continuidade—além de não ser applicavel á epocha de que falla, porque os dois mundos se competetraram, e nem o christianismo regeitou todos os elementos da civilização polytheista, encerra já dois termos entre si repugnantes.

Considera sempre a monarchia como exploração das classes inferiores pelas mais elevadas: assim a desvirtua n'essa diatribe historica extendida nas Idéas Modernas; porém adopta o principio da evolução em cuja theoria os factos historicos se vão succedendo fatalmente ou de um modo inevitavel—ora nenhum facto pode igualar a monarchia sob esse ponto de vista.

Agora é o principio exclusivo e absoluto da raça, que o preocupa—e não cessa de invocar os meios mas estes já o modificam. Ainda os meios não explicam em litteratura as diferenças—é preciso contar com a personalidade—e para o sr. Theophilo a biographia entra nos processos criticos—ora um dos seus elementos é a per-

sonalidade que por ultimo o sr. Theophilo accusa de odiosa, confundindo a artistica ou litteraria com a moral,—e a exclue da nova eschola—nova? nova será mas n'essa chimera sómente.

O Sr. Theophilo, usando d'uma expressão, de que Philarete Charles se serve, para significar o predomínio litterario, que foi passando na Europa d'uma nação para outra, não vê, que se contradiz nos seus exageros.

Se as raças eram diversas ou mixtas em cada uma d'ellas, tal predomínio não seria aceito, nem dera frutos—segundo a theoria excludiva.

Se eram as mesmas, como se explicam as diferenças litterarias? Ora em litteratura a influencia é reciproca.

Taes são as contradicções, que resultam da irreflexão que preconiza, exagerando-as, as idéas, que lê, e não discute.

Na philosophia positiva Comte expõe a lei dos tres-estados, que domina toda a historia.

São pois as idéas, que presidem ás diversas phases da humanidade.

Na Politica, contradizendo-se estabelece a predominância dos sentimentos, a frase é de Sr. Theophilo.

Este seu discipulo não falla hoje senão n'essa predominância—e ao mesmo tempo não regeitou, nem modificou a lei dos Tres-Estados, que ainda repete.

Até nas apreciações litterarias é raro, que não note nos escriptores falta de uma theoria geral, de uma systematisação, ora não ha theoria, sem systema, sem idéias.

Continuaremos no numero seguinte a mostrar as suas contradicções dignas de lastima, e daremos exemplo de galamacias divertidos.

Errata do n.º antecedente: onde lê—escorressem—deve lêr-se—occorressem.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

CARTAS A UM AMIGO

II

Nem tu, meu caro João, podes calcular as transformações que a nossa terra vai soffrer.

Abandonada, ha annos, dos beneficios do poder central, Ovar deixou-se adormecer n'uma lethargia profunda e condemnavel. Entregou-se nas mãos das nossas vereações, e estas, pelos escassos recursos de que dispõem, pouco tem feito e conseguido para que a nossa terra floresça e se levante.

E' certo que a nossa gente, na sua maioria, é negociante.

Dedicam-se de alma e coração ao negocio e á industria, e nem

quasi a comprometter os nossos mysterios.

Hierophante—O que foi?

Korotropho—Vós o conheceis em parte, senhor; estes dois jovens Acarnanianos, que tiveram a curiosidade d'entrar no templo com o grupo dos iniciados, acabam de ser mortos por vossa ordem.

Hierophante—E' só isso?

Korotropho—O povo aglomerado em frente do templo, ao saber d'esta execução, murmurou, e dois individuos, que me parecem philosophos, aproveitaram a occasião para accusar-nos de barbaaria e taxar os nossos mysterios d'embustes interessados.

Hierophante—Isso torna-se mais grave!... Ah! é assim que osam atacar-nos!... Desgraçados dos imprudentes!... Vai já apontar os nomes d'esses discursadores assim como os da plebe mais recalitrantes. Hoje mesmo o tribunal dos Heliastas será convocado e por meio d'uma accusação d'impiedade, faço condemnar á morte todos os nossos inimigos.

Korotropho—Lá vou, senhor.

Hierophante—Ah! ah! manditos philosophos, vós quereis es-

tempo teem para pensar que não temos estradas concertadas, aqua nos chafarises, e limpa nas ruas. Quando o inverno e frio e chuvoso, transformando as nossas ruas em extensos lamaçoes, é que nós nos lembramos do que nos falta. Somos como aquelles que só recordam Santa Barbara quando tropeja. Se este mundo é assim...

Tens ouvido, ha annos condemnar as cadeias de Pereira, porque não offerecem condições hygienicas nem de segurança, pois não é verdade?

Vais ficar pasmado de admiração, meu amigo. A nossa camara, devido ao intelligente esforço e tenacidade do seu presidente, vai metter hombros a essa empresa.

Já está estudado o local e levantada a planta para a construção da nova cadeia.

O' não calculas como esta resolução do municipio tem sido bem recebida?

Porque—meu caro João—destruir esse velho pardieiro a que pomposamente deram o nome de cadeias de Pereira é uma obra de justiça, e incendial-o, a cinzas até—se possivel fosse—fazer desaparecer o proprio chão era uma obra de misericordia!

Esse edificio, sem ar, sem luz, de soalhos pódres, e portas sem resistencia, não serve nem para a justiça, nem para os presos. Criminosos de responsabilidade, ninguém os lá quer, porque a gaiola é fragil bastante para melros tão perigosos. As enxovias tu bem as conheces—são um covil infecto, aonde nem suinos poderiam ser mettidos.

E é ali, meu amigo, que se encarceram homens, mulheres e crianças!

Se para lá vão com saude, sahem arruinados e vêm acabrunhados e com o soffrimento estampado no rosto.

Quando passa algum transeunte, elles enfiam a cabeça pelas grades estendendo os esqueleticos braços, n'uma supplica enternecedora e commovente, pedindo esmola!

Se alguém lhe dá uma pequena moeda, elles agarram-a soffregamente, n'um desespero de quem não é livre porque a Sociedade para ali os enclausurou. E se alguns se revoltam contra a lei que os condemnou, outros ha que sem queixumes e resignados, vão cumprindo a sua pena, sem uma palavra maguada para essa Sociedade a que elles pertencem, e que muitas vezes, já os não admitem como socios.

Mas... a construção da cadeia é coisa assente.

A nossa Camara vai ligar o seu nome a essa obra que pode-

clarecer o povo e descobrir a nossa conducta secreta?... Não o conseguireis, porque haveis de ser condemnados, sem piedade, a beber a cicuta; a vossa execução servirá d'exemplo aos que se atreverem a tocar nas coisas sagradas.

Ouvindo estas infamias, d'indignação o sangue me escaldava as faces, dizia Diagoras; porém, com risco de vida, hei-de desmascarar estes hypocritas fraudulentos.

Scena 3.ª

Brasidas, jovem noviço, d'uma certa pusilanidade, não podendo suportar a prova numero cincoenta, fôra levado, desfallecido, por tres serventuarios para a sala contigua á minha cella.

Um dos serventuarios—Pobre mancebol! recei um momento pelos seus dias... A tabua em que fôra levantado partiu e cahindo n'uma grande bacia d'agua certamente teria deixado d'existir se me não lanço a nado para o salvar.

Segundo serventuario—E' um ser sem energia, sem força mo-

mos considerar gigantesca. E—olha meu amigo—talvez fosse de boa licção deixar de pé esse covil de Pereira, que era para attestar aos nossos vindouros que, em pleno seculo XX, Ovar encerralava ali os condemnados—n'esse escarro infamante e immundo.

Já ves, pois, João, que a nossa terra parece querer começar a andar. Esteve estacionaria. Ou melhor: andava para traz—como os caranguejos.

Alguem quer insuflar-lhe vida nova. Venha ella, e sem demora.

Le monde marche—disse Pelletan.

Abraça-te o

teu

Março—907.

Sylvio

Chronica d'um vagabundo

Agora é que me cabe o titulo, que encima está escripto a valer.

Pois não é proprio só de um vagabundo, de um homem que tanto se importa de ver raiar a aurora n'uma parte e assistir ao occaso do sol n'outra, despedir-se de amigos, ou conhecidos de momento, da maneira como eu fiz á franceza?

O certo é que motivos imperiosos me impossibilitaram, caros leitores, de continuar a palestrar amigavelmente durante umas semanas puchadinhas...

E tão imperiosos que vós mesmo, foados por elles devieis com certeza eximir-vos a certos affazeres, até ao de namorar apesar de não haver nada mais forte que o amor, senão a morte.

Pois enganades-vos.

Que mais forte que o amor é uma pneumonia grippal, é uma angina pectoris, é o rheumatismo, etc, etc, tantas misérias de molestias que são um passo de gigante para o esphacelamento do corpo, o que equivale á morte.

Mas volvidos os tristes dias quaresmaes, aproveitados na cura do corpo e da alma, em que tantas vezes implorei a Deus perdão para os meus delictos, se é que um rapaz que cumpre os seus deveres de cidadão tem porventura delictos no cartorio, resolvi continuar...

Emquanto ao restante, isso, Deus super omnia, porque quem cumpre tambem os deveres sagrados de homens, reproductor da especie humana, não deve ser fulminado pelas coleras celestes...

«Crescite et multiplicamini» Crescei e multiplicaes-vos, disse o Jehovah aos seus queridos judeus.

Ora quem abençoa a reprodução não ha-de estigmatizar o que concorreu para ella...

ral, que treme ao menor ruido, que se perturba ao approximar-se d'um espectro, d'uma sombra. Ha pouco, quando disfarçado em ty-siphone, eu fazia sibilar as serpentes, elle cahiu inanimado no solo.

O terceiro serventuario—Quando o fiz atravessar o rio de chammas agarrou-se a mim convulsivamente e gritando-me dizia—perdão. E' um fraco de quem fariam bem desembaraçarem-se atirando-o ao alçapão do segredo.

O primeiro d'estes tres personagens—Nós não podemos dispôr da vida d'um homem sem ordem do Hierophante.

O segundo—Um homem a mais ou de menos na terra. O nosso patrão não repara em tão pouco.

Refletia n'estas enormidades que ouvia, quando me avisaram que era chegada a minha vez de soffrer as provas. Segui dois homens mascarados d'egypticos, que me conduziram a uma sala subterranea vestida de negro. Ah! fui collocado deante de seis pessoas d'iguales trajes ornados a prata. Na meza, á volta da qual estavam estes homens mysteriosos, viam-se cabeças de mortos, punhaes, e ta-

Adeante, attendendo aos espinhos d'esta parte do discurso, e eu não gosto de deixar o meu sangue nos espinhos, exceptos nos das roseiras, porque havendo uma rosa a colher é necessario empregar todos os meios para lhe chamarmos nossa.

Volvidos os tristes dias quaresmaes, dizia eu, venho de novo entreter-me em convivio alegre além de ter a certeza de que, depois da desobriga, não haverá alma ovarina que me queira mal.

Até pelo contrario haverá alguem que, animado pelos salutarres preceitos do Evangelho, recorde em meu favor alguns artigos da doutrina christã, como por exemplo:

—perdoar aos ignorantes, quero dizer, ensinar os ignorantes, castigar os que erram!...

Mas precisamente este artigo ultimo veio de repente lembrar-me de que me aconteceria o que n'elle se determina, e eu não quero dar azo a que se diga que o povo ovarino castigou alguem por liberdade de pensamento, tratando de questões profanas e mettendo á bulha a Biblia, o Evangelho e a Cartilha do Padre Ignacio com as coisas leigas...

Deus me livre de tal...

Proseguindo, portanto, n'esta ordem de idéas, tenho a felicitarvos pela valente influencia que desenvolvestes, piedosos e piedosas leitoras, perante os poderes celestes, que determinaram, em resultado d'isso, não um diluvio, mas uma chuvinha rasoavel...

Meu Deus! Meu Deus! Attendei a que, se não chuvia, não se creavam as preciosas arvores do balsamo sagrado que allumia os vossos templos.

Não havia aquelle tão apreciado fructo da vide, que servirá nos sacrificios, e que por signal poz tonto, em epochas remotas, o vosso servo Noé, tão comedido nas suas libações, mas subjugado n'aquella occasião pelo phenomenoal poder da uva.

Não haveria finalmente o alimento necessario á vida, e a vossa obra, senhor, o genero humano, morreria á mingua...

Mas vós acudiste-lhes com a ternura d'um pae que não quer vêr a agonia dos filhos, do artista que não deseja vêr queimar-se o fructo das suas canceiras...

Não vos atemoriseis, que eu não desauo em apostolo da fé, a prégar nas praças publicas a penitencia...

Estas minhas palavras são como um echo das preces que o povo crente dirigiu ao ceu nos dias de estiagem... Eu não d'opinião que a alma deve viver n'uma atmosphera de ideal, mas um ideal, de poetica religiosidade.

E cada um toma e escolhe o ideal á sua vontade...

Difficil seria dizer: tal ou qual religião é a mais consentanea ao espirito humano.

ças de cicuta. O que me pareceu o chefe d'estes seis personagens me dirigiu estas mysticas perguntas: —Noviço, antes de transpores o sagrado recinto e de te apresentares deante dos ministros de Céres, cumpriste todas as formalidades d'uso, os jejuns, lustrações, sacrificios, offerendas e purificações? Compri tudo e tudo executei. Pronuncia as sagradas palavras.

Aqui Diagoras pernunciou a formula da iniaciação em termos especiaes não susceptiveis de serem traduzidos.

Então não esqueceste nada?—Levei as offerendas ao templo d'Eleusis.

Noviço, repete a formula sagrada, porque deve para sempre gravar-se no teu coração.

Antes d'aspirares ao titulo de iniciado reflectiste nas provas terri- veis que são precisas para obter esse titulo venerando? Refleti maduramente.

A tua coragem e vontade são inabalaveis e a tua discripção será a toda a prova? A minha coragem e vontade são inabalaveis, e sou discreto como o tumulo.

(Continúa) Clara de Miranda.

FOLHETIM

NOITES DE CORINTHO

por Debay

Os Serões de Lais

XVIII

Hierophante e Korotropho

Korotropho—Senhor, as offerendas têm sido muitas e valiosas: estatuetas, corôas d'ouro, de prata, gordas rezes dos sacrificios, vinhos, e fructos preciosos, e melhor ainda os talentos dados pelo rico Dinochos para lhe abreviarem as provas, e que não foram menos de cincoenta!

Hierophante—Bom! d'anno para anno augmentam as nossas riquezas com a nossa influencia.

Se continuar assim o poder dos ministros d'Eleusis será ilimitado.

Korotropho—Mas succedeu um desagradavel incidente que esteve

O que é necessario é que o homem baseie o seu modo de pensar n'uma ideia, em que beba um lenitivo nas suas dôres ou um incitamento nas suas alegrias.

Eu com isto não quero fazer philosophia, mas tão sómente mostrar que isto, em questão de crenças, é conforme o paladar de cada um.

«Presumpção e agua benta cada qual toma a que quer».

Até breve.

Ohnp.

Boletim Elegante

Fez annos, no dia, 2

—O Snr. Antonio d'Oliveira Gomes, filho do Snr. Bernardino d'Oliveira Gomes, da rua das Ribas, d'esta villa.

Baptisou-se, na Igreja matriz, d'esta villa no domingo passado um filho do nosso amigo Ex.^m Sr. Angelo Zagallo de Lima, dig.^{mo} escrivão de direito, n'este juizo, recebendo o nome de Jayme.

Foram padrinhos a Ex.^{ma} Snr.^a D. Marianna d'Albuquerque e seu filho, tia e primo do snr. Angelo.

NOTICIARIO

TEMPO

Desde o dia 1 que o tempo se tem conservado chuvoso. Os lavradores, que então se achavam desanimados pela falta d'agua, exultam agora de contentamento.

Se o tempo esta semana melhorará, como é provavel, principiará a lavra das terras que não foi possível fazer ha mais tempo, devido á grande estiagem, cujo prolongamento tanto se fez sentir n'agricultura.

Na quinta feira o ceu apresentou-se mais desanuviado, variando o vento entre norte e noroeste.

E' de presumir, pois, que o tempo vá successivamente melhorando, entrando a lua nova com bom tempo. No entanto, como os calculos falham mesmo ao mais experimentado, também é provavel que em vez de entrar com bom tempo entre com mau.

Senhora do Desterro

Hoje e amanhã realizar-se-ha, na vizinha freguezia d'Arada, a festividade em honra de N. S.^a do Desterro, onde costuma affluir grande numero de forasteiros das freguezias limitrophas.

Tomam parte n'esta festividade as philarmonicas da «Vista Alegre» e do «Couto».

O corpo cyclista Ovarense far-se-ha, decerto, representar em abundancia, mostrando as suas habilidades as gentes pépias d'Arada.

Cuidado com os trambulhões!

Scena Comica

Na quinta-feira, pela uma hora da tarde, os moradores da rua da Graça assistiram a uma scena comica, para cujo desempenho serviu de palco uma terra de lavradio que confina pelo poente com o rio da Graça. Os protagonistas foram dous engraçadissimos burros que despojados dos respectivos cabeçados, não se deixavam apanhar pelo dono, correndo desenfreadamente pela referida terra. Depois de varias tentativas infructiferas para os apanhar, houve alguém que teve a luminosa ideia de armar um laço com uma comprida corda o que foi levado a effeito, conseguindo assim o seu almejado fim.

Cahi o panno e, os espectadores, rindo a bandeiras despregadas, aplaudiram freneticamente todos os interpretes da deslumbrante peça.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Prevenimos os nossos ex.^{mos} assignantes de que, a administração deste jornal, vae proceder á cobrança do semest e que termina a 13 do proximo mez de Maio.

NECROLOGIA

Falleceram, n'esta villa: O sr. Manuel Paes de Andrade cunhado do sr. Francisco Ferreira Dias.

A sr.^a Anna Soares d'Araujo esposa do sr. José Maria d'Oliveira Correia.

No Porto: A esposa do sr. dr. Carlos Gomes Pinto.

Em Albergaria-a-Velha: O sr. Daniel de Pinho. Em Coimbra:

O sr. dr. Francisco Augusto Lobo Castello Branco, integerrimo juiz de Direito desta comarca.

A's familias enlutadas enviamos a expressão mais sincera das nossas sentidas condolencias.

Theatro

No domingo passado, effectuouse no theatro desta villa, por uma troupe de amadores nossos patricios, uma recita em beneficio do cofre d'Associação dos «Bombeiros Voluntarios d'Ovar», subindo á scena, conforme o programma que preanunciámos, «A Primavera», um acto em verso original do nosso intelligente patricio Antonio Dias Simões em que mais uma vez confirmou o seu talento e inspiração para a arte poetica. Recitando offender a sua modestia com elogios, aliás bem cabidos, limitame-nos a enviar um estreito abraço a Dias Simões, felicitando-o pela sua obra.

Em seguida representou-se a comedia em tres actos «Um amigo dos diabos», sendo recitados tambem em dois intervallos duas poesias pelo sr. dr. Salviano Cunha, uma das quaes foi offerecida a sua tia D. Maria d'Albuquerque.

O desempenho foi correcto por parte de todos os amadores, sendo nos finaes de todos os actos, muito applaudidos.

Cortes

As cortes foram prorogadas até o dia 30 do corrente conforme ficou resolvido na ultima reunião do Conselho d'Estado.

Conde d'Agueda

Regressou, no dia, a Lisboa, o Snr. Conde d'Agueda, dignissimo Secretario da Camara de Deputados.

Abertura da Universidade

Alguns jornaes de Lisboa dizem constar-lhes que a reabertura da Universidade, sobre cuja data vão ser ouvidos os conselhos das faculdades, se effectuará amanhã, segunda-feira, o primeiro dia de aulas depois das férias da Paschoa.

Escola Movel Agricola

«CONDE DE SUCENA»

EM OVAR

Mappa das lições durante a 11.^a semana, desde 24 de março a 31 de março de 1907.

Agricultura — Assumpto das lições explicativas: Tratamentos de vinhos. Vindima e operações

subsequentes. Pisa a pés e mecnica. Desergace. Fermentação e condições favoraveis.

Trabalhos praticos realizados: Tratamentos de vinhos doentes. Analyses de vinhos. Lavoras com as charruas Brabant e americana. Adubações em cobertura. Palestra: Não se realizou.

Mappa das lições durante a 12.^a semana, desde 31 de março a 7 de abril de 1907.

Agricultura — Assumptos das lições explicativas: Fabrico esmerado do vinho. Fermentação. Tratamentos das vinhas: mildiu e oídio; enxofra e sulfatagem. Escladramento das vinhas.

Trabalhos praticos realizados: Lavoras com as charruas Brabant e americana. Reconhecimento da pureza do sulfato de cobre. Exames de vinhos tratados. Engarrafamento de vinhos. Analyse alcoolica de vinhos.

Palestra: Realisa-se em Esmoriz ás 6 horas da manhã.

CONVITE

O delegado do Procurador Regio, contador e escrivães d'este juizo, convidam as pessoas das suas relações e amizade a assistir a uma missa que, por alma do ex.^{mo} Juiz d'esta comarca. Ex.^{mo} dr. Francisco Augusto Lobo Castello Branco, mandar rezar na capella de Santo Antonio, na proxima terça-feira, 9 do corrente mez, ás oito horas da manhã. Ovar, 5 d'Albil de 1907.



Agradecimento

A esposa, filhas e primo do fallecido Antonio Pereira de Carvalho, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que em tão duro transe as distinguiram com as provas de sua amizade, acompanhando á sua ultima morada os restos mortaes do saudoso extinto, e assistindo á missa do 7.^o dia.

A todos protestam a sua indelevel gratidão e pedem desculpa de qualquer falta involuntaria por ventura houvesse.

Ovar—29-3-907.

Maria Lopes Carvalho
Maria da Encarnação L. Carvalho
Maria da Gloria Lopes Carvalho
Maria Palmyra Lopes Carvalho
P. Manoel Baptista L. Ramos.

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, Irmã, cunhado, Sobrinhos e Sobrinhas do fallecido Manoel Paes de Andrade, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, veem por este meio testemunhar o seu reconhecimento de gratidão a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os na sua grande dôr e acompanharam o extinto á sua ultima morada.

Ovar, 26 de Março de 1907.

Anna d'Oliveira Dias
Francisco Ferreira Dias
Manoel Ferreira Dias
Antonio Augusto Ferreira Dias
Antonio Rodrigues de Mattos
Josepha Dias de Mattos
Joanna d'Oliveira Dias
Gloria d'Oliveira Dias
Anna Dias Valente

Agradecimento

Os abaixo assignados agradecem, penhoradissimos, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por fallecimento de sua chorada esposa, irmã, mãe e cunhada Anna Soares d'Araujo e a acompanharam á sua ultima jazida, consignando-lhes d'esta forma a sua eterna gratidão.

Ovar, 4 de Abril de 1907.

José Maria d'Oliveira Correia
Guilherme d'Oliveira Correia
Maria Carolina Soares d'Araujo
Maria Augusta de Jesus.

ATELIER PHOTOGRAPHICO

DE

MANOEL JOAQUIM & C.^a

24, R. do Outeiro, 25

OVAR

N'este atelier, que se acha provido dos melhores machinismos, executam-se todos os trabalhos photographicos com o maior primôr e por preços muito convidativos.

Arrematação

1.^a Publicação

No dia 14 de abril proximo, por 11 horas da manhã e á porta do Tribunal da comarca, se ha de proceder á arrematação de quatro sextas partes d'uma morada de casas assobradadas, com quintal em frente da casa, mas separado d'ella por um caminho, poço um pequeno armazem, tudo sito na rua do Seixal, d'esta villa. Vão á praça no valor de 250.000 réis, no inventario orphanologico a que se procede por obito de Bernardo Fernandes Monteiro, viuvo, da referida rua e villa, para serem entregues a quem mais offerecer sobre aquelle valor, sendo as despesas da praça e a contribuição de registo por conta do arrematante. Pelo presente são citados quaesquer credores do inventariado, para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos.

Ovar, 22 de março de 1907.

Verifiquei á exactidão

O Juiz de direito
Lobo Castello Branco.

O Escrivão,
Antonio Augusto Freire de Lis.

ARREMATACÃO

1.^a PUBLICAÇÃO

No dia 14 d'abril proximo, por 11 horas da manhã e á porta do Tribunal da comarca, volta segunda vez á praça, por não ter tido lançador na primeira, na quantia de 90.000 réis, que é metade da sua avaliação, a fim de ser arrematada e entregue a quem mais offerecer, uma morada de casas terreas e com terra lavradia pega ja e mais pertenças, sita no logar das Pedras de cima, freguezia d'Arada; é isto na execução hypothecaria que a Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia d'Arada, move contra Antonio Baptista Ferreira e mulher, do logar da Curinha da mesma freguezia. Pelo presente são citados os credores incertos dos executados para a praça e para deduzirem os seus direitos.

Ovar, 22 de março de 1907.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito,

Lobo Castello Branco.

O Escrivão,
Antonio Augusto Freire de Lis.

Tribunal do Commercio da Comarca d'Ovar.

FALLENCIA DE ANTONIO JORGE

1.^a Publicação

Pelo tribunal do commercio d'Ovar e cartorio do escrivão Zagallo de Lima correm seus termos os autos de fallencia do commerciante Antonio Jorge, casado, do logar da Ordem, freguezia de Maceda, da comarca de Ovar, a requerimento da firma José Pinheiro da Silva & Companhia, Pimentel & Alves e Silva & Machado, da cidade do Porto, e dos mesmos autos se vê que foi o dito commerciante Antonio Jorge declarado em estado de fallencia por sentença do referido tribunal de 22 do corrente, sendo nomeado para administrador da mesma João José Alves Cerqueira, casado, negociante, da Praça d'Ovar, e marcado o prazo de quarenta dias para a reclamação dos creditos. Por isso todos os credores da massa fallida do dito Antonio Jorge deverão apresentar a reclamação do seu credito no alludido tribunal dentro d'aquelle prazo, nos termos dos artigos 236 e 238 e § unico do Código do Processo Commercial.

Ovar, 23 de Março de 1907.

O Juiz Presidente do tribunal do commercio,

Lobo Castello Branco.

O Escrivão,

Angelo Zagallo de Lima.

EDITOS

1.^a Publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Coelho correm editos de 30 dias a contar da ultima publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando Manoel Nogueira da Silva, estudante, no Rio de Janeiro; Amelia Nogueira da Silva, proprietaria, ambos solteiros, de maior idade, e Alcides Nogueira da Silva, menor, pubre, estes residentes com sua mãe D. Adelaide Nogueira da Silva, na cidade do Maranhão, e Augusto d'Oliveira, solteiro, maior, creado de servir, De Caloza, de Vallega, ausente no reino, todos em morada desconhecida e por isso em parte incerta, para todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de seu tio José Pereira de Pinho, em que é cabeça de casal Manoel Pereira de Pinho, casado, proprietario, do Seixo de Cima, de Vallega, e isto sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Ovar, 16 de Março de 1907.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Lobo Castello Branco

O Escrivão,
João Ferreira Coelho.

CONCURSO

Perante o administrador do Concelho de Ovar e durante o prazo de 30 dias a contar da publicação do ultimo annuncio no «Diario do Governo», acha-se aberto concurso documental para o provimento do logar de secretario da administração do mesmo concelho, com o ordenado annual de 240.000 réis e respectivos emolumentos.

Os concorrentes deverão dirigir os seus requerimentos a esta administração documentados em conformidade com o Decreto de 24 de Dezembro de 1892. Administração do concelho d'Ovar, 1.^o de abril de 1907. Eu, Manoel Gomes dos Santos Regueira, amanuense servindo de secretario o escrevi.

O administrador do concelho

José Ferreira Marcellino

ESTAÇÃO FRIORENTA

Um certamen vae haver,
Que decerto dá fiasco,
P'ra que se possa saber,
Qual é o senhor do TASCÓ
Que bom vinho stá a vender.

Mas de todo o concorrente,
Que ao concurso ABORDAR,
Diz por ahi toda a gente,
Que nenhum vae ABICHAR
A ponta d'um... prémio, sòmente.

Eu então cá por PIRRAÇA,
Affianço e.. tambem juro;
Que o LUZIO sempre caça,
Ter o MEU... prémio seguro,
E ao vél-o... ácha-lhe graça.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

-LARGO DA PRAÇA-

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Azeitona d'Elvas a 220 reis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

EXTACTO DO CATALOGO

DAS
Obras á venda no BAZAR FENIANO
DE

ANTONIO DA SILVA SANTOS

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

Edições d'esta casa

Guia dos Namoradores (60 cartas em prosa)	200
Verdadeira significação dos sonhos	60
Rei das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal	60
O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado	60
A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões	60
Historia dos dois compadres	60
Historia do Cura e Sacristão	60
Historia de Roberto do Diabo (verso)	66
Historia da Donzella Theodora (verso)	60
Historia do Barba Azul	60
Serenatas ao luar	60
Livro de S. Cypriano	200
A arte de namorar (prosa)	80
A Musa dos Namorados (verso)	60
Gato de Botas	60
Gata Borradeira	60
Um abbade em calças pardas	60
As botas de sete leguas	60
Historia do Feiticeiro de Bronze	60
Historia da Massaroca d'Anastacio	60
Historia de Bernabé Pisa Mansinho	60
Historia da Princeza Clotilde	60
O abbade da Ramalheira	60
Os amores de Laurinha	60
O Jardim Infernal	60
João de Calais (verso)	60
A Mariquinhas padeira	60
Carlos Magno (versos)	60
A Burrinha magica	60
A B C dos namorados	60
Princesa Magalona (verso)	60
Imperatriz Porcina (verso)	60
Bertoldinho (verso)	60
A formozza Mathildinha	60
Historia da encantadora Mercedes	60
Hirtoria da Princeza Leonor	60
» do Gaiteiro e a Velha das noses	60
» das Aventuras d'um Sacristão	60
» do João das Moças	60
A martyr da Honra	60
A filha Maldita	60
Historia do Conde Redondo	60
O Fradinho Atiradiço	60
O Conde de Monterey	60
Historia de João Urso	60

Envia-se o catalogo gratis a quem o requisitar

Porto—Typ. Peninsular—Rua de S. Chrispim, 18 a 28

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO.